

# IMAGINÁRIOS E IMAGENS: LITERATURAS E CINEMAS

*Andréa Figueiredo Leão Grants*

*Gizelle Kaminski Corso*

*Jair Zandoná*

*Rafael Zamperetti Copetti*

*Stélio Furlan*

Universidade Federal de Santa Catarina

De acordo com o calendário chinês e japonês, o ano de 2012 é o ano do Dragão, uma criatura que vislumbra o imaginário coletivo de inúmeras culturas, e que angaria para si peculiaridades inerentes ao olhar de determinados povos. No Japão e na China, por exemplo, representa a paz e é celebrado a cada Ano-Novo.

Seja na lembrança de uma serpente ou de um réptil, sua marca primordial é a luz púrpura que divisa de suas narinas. Pela luz divisada, do fogo, luz que remete à tela do cinema, vemos na imagem do dragão, analogamente, a do refletor, o emissor da verdade que se transfigura pelo olhar. É por conta desse fogo, dessa luz divisada, que escolhemos para capa da presente edição a imagem de um Dragão (sem título, técnica sumi-ê, pintura em nanquim sobre papel) elaborada pela artista Nadir Ferrari, que adotou Santa Catarina para criar raízes. Um dragão em vias de movimento, que pressupõe preparação para o ataque, atitude que precede um ritual, em posição de reverência, circundado por peixes –discípulos que o cerceiam, ciceroneiam.

O cinema inclui uma poética que está intrínseca à retina. Olhos e ouvidos atentos para o que se configura diante da imagem refletida: dragão-refletor. Luz viva, luz negra, vibrante furta-cor. Cinema, literatura, adaptar uma ação: adaptação. Diálogos. Polissemia. Vozes em movimento.



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

Na irreverência do dragão se instala a proposta deste número temático, intitulado: “literatura e cinema”, mote para a primeira seção da revista. Pensar (n)as relações que a Literatura estabelece com o cinema vai muito além dos aspectos relacionados à noção de prazer audiovisual e/ou à (falsa) ideia de que se pode facilmente dispensar a leitura de um livro ao assistir a um filme que lhe tem por base. Mitos que cercam o cotidiano na contemporaneidade. Mitos que são tangenciados nas discussões que se seguem. Ricardo André Ferreira Martins, com o artigo *Cinema e literatura: algumas reflexões e considerações sobre o roteiro como gênero intersemiótico*, no qual realiza análises e considerações a respeito das interseções estéticas e estruturais, na perspectiva intersemiótica, entre o roteiro e a literatura, vislumbra desenvolver uma teoria do roteiro como gênero intersemiótico. Nessa esteira, trazemos para a baila a análise de algumas cenas do filme *Force of Evil*, de Abraham Polonsky, de 1948, no artigo *Force of Evil e as divisões intra-classe*, de Elder Kôei Itikawa Tanaka, por meio do qual são verificadas como se configura a perspectiva da esquerda sobre os monopólios e sobre o capitalismo, bem como a visão do diretor com relação à divisão intra-classes. Dois aspectos da narrativa. Duas perspectivas, assim como duas Alices, uma de Lewis Carroll, e outra de Wim Wenders, relação tangenciada por aproximações e distanciamentos no artigo de Maria Augusta Vilalba Nunes, intitulado *Alice e Alice*.

O artigo de Carmen Irene Correa de Oliveira, Leila Beatriz Ribeiro e Valéria Cristina Lopes Wilke, *O livro e a leitura no espaço da performance: o caso de “O Clube de Leitura” de Jane Austen*, procura discutir o papel das narrativas fílmicas tendo o livro como objeto de representação no contexto do imaginário das formas e dos tipos de conhecimento, dos modos de organização da leitura e das práticas que têm o livro como objeto.

Em *A focalização como elemento configurador da aridez relacional em “Vidas Secas”*, Maria Bevenuto Sales de Andrade e Charles Albuquerque Ponte comparam o uso da focalização como elemento configurador da aridez relacional no romance *Vidas secas*, de Graciliano Ramos e sua adaptação homônima, sob a direção de Nelson Pereira dos Santos, de 1963. E, pensando em discutir o cosmopolitismo como uma ininterrupta deriva cultural numa cartografia desterritorializada, a partir do filme *Caramuru: a invenção do Brasil*, de Guel Arraes, Sharmilla O'hana Rodrigues da Silva apresenta essas questões no artigo *Bravura Indômita: entre a fábula e a trama*.

Em perspectiva de dualidade, Bárbara Nayla Piñeiro Pessôa, em *A palavra de impossível repouso: Pasolini e o olho-câmara de Murilo Mendes*, estabelece um diálogo entre a teoria do cinema de Pier Paolo Pasolini e a poética de Murilo Mendes, procurando

pensar sobre a exigência da poética do despojamento dos sentidos e o tratamento de corte e subtração conceitual quando dirigidos à palavra.

O poder da palavra, do verbo, do entrelaçamento. Palavras que também ganham força e forma na escrita calviniana, relações entre imagem e palavra, cinema e literatura, questões que são discutidas, procurando analisar em que medida a obra do escritor Italo Calvino pode ser considerada uma cartografia de palavras, em *Dar a ver com palavras: cinema e literatura em Italo Calvino*, de Bruna Fontes Ferraz e Maria Elisa Rodrigues Moreira. Por palavras, também, somos conduzidos ao título do artigo de Edimara Lisboa, *Palavra e Utopia: Antônio Vieira missionário*, no qual se discute a construção do personagem Antônio Vieira, no filme *Palavra e utopia*, de Manoel Oliveira, em contraste com biografias do jesuíta.

De biografias e biografemas barthesianos, rico em teor autobiográfico, Jacques Fux e Darlan Roberto dos Santos, em *As muitas artes de “Santiago”, de João Moreira Salles* relacionam o documentário mencionado no título do texto com o personagem Santiago, procurando relacioná-lo, também, com certos personagens de Borges e Flaubert. Entre tecidos de textos e telas, Isabella Cristina Stangherlin Santucci, em *O Golem na era da reprodutibilidade técnica: aparato cinematográfico, homem moderno e representação*, procura pensar na figura do autômato enquanto alegoria na era da reprodutibilidade técnica, aproximando Walter Benjamin do movimento expressionista em sua forma cinematográfica e postura subversiva. Para encerrar a seção temática sobre literatura e cinema, trazemos o artigo de Maria Silvia Antunes Furtado, *Ficção e subjetividade no documentário de Eduardo Coutinho*, procurando analisar a construção da narrativa fílmica no documentário de Eduardo Coutinho.

A seção de Artigos com temática livre é inaugurada pelo texto de Vinícius Nicastro Honesko, intitulado *Delírios II: lacerações de um corpo torturado*, por meio do qual analisa a figura do poeta prometeico, percorrendo certos fragmentos do itinerário poético de Leon de Felipe. Em *Mito e representação feminina em “O Forte” de Adonias Filho*, Luciano Santos Neiva e Sandra Maria Pereira do Sacramento investigam os aspectos que tornam as representações de gênero como atualizadoras da redefinição da construção identitária, em contraponto ao legado fonofalocêntrico eurodescendente, a partir da constituição do mito no texto de Adonias Filho. Para encerrar esta seção, Roselene Berbigier Feil, no artigo *O processo criativo de Erico Verissimo: apontamentos em sua escrita memorialística*, apresenta

algumas considerações sobre o processo criativo do escrito gaúcho, focando-se especialmente nas obras *Solo de Clarineta* (volume 1) e *Gato preto em campo de neve*.

Referências míticas, históricas, literárias intervalam a construção das palavras da “epopeia” de Carlos Nejar em que Camões, Dante, Homero e Cervantes, por exemplo, intercalam aparições em *Odysseus, o velho*, leitura apresentada na seção Resenhas, de José Luiz Foureaux de Souza Júnior, sob o título, *Fantasma, influências, inspirações: Odysseus, o velho, de Carlos Nejar*.

Tantas leituras de tecidos de textos, imagens, imaginários. Plural necessário para dar cor, forma e fundo a mais este número. Boa leitura!

